

# A VELHA GUARDA

AVENÇA

EDITOR:

Alcindo Dias Pereira

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

DIRECTOR:

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tipografia de A TRADIÇÃO: Rua Miguel Bombarda — FAFE

## Aos republicanos de Guimarães

Quando se iniciou a publicação da actual fase de «A Velha Guarda», em editorial proclamamos o nosso sincero desejo de pôr à disposição dos republicanos de Guimarães as colunas do nosso jornal porque, entendíamos, abatendo bandeiras, que melhor serviço poderíamos prestar á causa da República, tão necessitada da boa vontade e esforço de todos. Quasi dois anos são volvidos, e embora alguns tenham ocorrido ao nosso apêlo, de novo vimos chamar á atenção dos republicanos vimaranienses para tal, lembrando-lhes mais uma vez que dentro do nosso jornal cabem bem as aspirações de todos, e que podem realmente contar com a nossa solidariedade absoluta por tudo quanto traduza Verdade, Justiça e Direito.

A República é dos republicanos, e não há que pôr dique ás defesas que em favor dela se levantem.

A nossa aspiração, e já o dissemos aqui, é vêr dignificado o regimen que é da grande maioria da Nação e sentir prestigiado o Ideal que francamente abraçamos.

De mãos dadas, firmes em nossas convicções, não eivados de vícios que nos possam emporcalhar ou enlamear os princípios que são o pão do espírito, unidos como irmãos que somos por sentimentos, melhor e com mais facilidade poderemos conseguir o triunfo das nossas aspirações, erguer bem alto o lábaro dos nossos desejos, sem tibiezas que nos enfraqueçam e sem receio de que nos dividam.

«Um por todos e todos por um» — eis a divisa que na actual conjectura devemos impôr a nós mesmos, a nós que pela nossa causa temos a obrigação moral de velar, a nós que somos integrantes de carácter e incapazes de atraiçoar quem quer que seja, a nós que só amamos a República *una e indivisível*, a República á sombra de cuja bandeira nos acolhemos.

Pela República!

## Quem não quiere ser lobo...

Pessoas há que nos criticam e nos apelidam de rancorosos, pelo facto de continuamente atacarmos a igreja, escarpelarmos a vida deste ou daquele, rasgarmos com afiado bisturi as chagas purulentas de certos indivíduos, que, pelo seu inescusável reclame a si mesmo, passam por boas pessoas.

Ora nós não só não atacamos a igreja, mas até respeitamos, e muito, o bom padre, aquêlê que sabe o que deve a si mesmo, e á classe a que, por vocação ou por outro qualquer motivo, pertence.

Respeitamos e admiramos o padre, que, convicto da doutrina que prêga, faz da sua vida uma perfeita obnegação pelo próximo; aquêlê que é o só da terra e a luz do mundo; que tudo dá ao necessitado, sem se preocupar se é católico ou ateu; que vai ao cárcere animar e ensinar, com o seu verbo inspirado, o desgraçado que se vê entre ferros; que percorre os tugúrios da desgraça, consolando os infelizes com a esmola, e com palavras que o confortem; que ensina as crianças a amarem-se e respeitarem-se mutuamente; aquêlê que não prêga o ódio, que na sua boca sómente tem palavras de paz e de perdão; aquêlê que indistintamente se acerca presuroso e caritativo de todos os infortunios.

O padre, que sabe sêr padre e que o é como o deve sêr, tem o nosso respeito, a nossa admiração, a nossa veneração.

Mas o padre que não cuida dos seus deveres sacerdotais, o padre politiquero e eleiçoeiro, angariador de bens, que só trata de enriquecer á custa das beatas tontas, que só pratica a intriga, que prega o ódio contra o seu semelhante, que é o lobo voraz das suas ovelhas, a êsse, se podessemos, cortar-lhe-íamos as carnes com um azorrague.

Não tocamos, nem ao de leve, na vida particular de ninguém; mas aquêles que voluntariamente se metem comnôco, ou que tais actos praticam, que mereçam um correctivo, cá estamos prontos a desmascará-los.

Conhecemos as fraquezas inerentes á humanidade, sabendo por isso que nem todos, podem ser puros e santos; somos compassivos e caridosos para as faltas cometidas por fragilidade; procuramos mesmo arranjar ao vício e ao crime aquêlê que nêles se deixam cair; pretendemos insinuar no ânimo de todos a tendência para a prática do bem; usamos da caridade para com todos, mesmo com os inimigos, mas não podemos calcar dentro de nós mesmos a revolta que sentimos, ao vermos espalhar rancorosamente a mentira, empregar com desfaçatez e vanglória a intriga rês e nojenta, sómente para se elevar a si, calcando os outros.

Não têm por isso razão de

## Resposta a uma carta...

(ao F. da C.)

Na verdade quer mais versos?!  
—Sou-lhe franco e verdadeiro:  
Eu agora faço bérços!...  
Quasi há um mês sou carpinteiro!...

E' que eu andava aborrido  
De versejar... e de vêr  
Tanto *vate delambido*  
Farta tolice escrever...

E a chucha da inspiração  
Secou-se... e deixou-me só  
Um leito de nutrição  
Nos golpes secos da enxó...

Ando a fazer um bercito  
—Veja lá esta loucura! —  
P'ra quando fôr *pequeno*,  
Que o ser *grande* pouco dura...

Gamelas, hei-de-as, fazer  
De diversas dimensões  
P'ra nelas vêr remecher  
As fauces dos tubarões!...

E se a minh'arte *disforme*  
Força tiver, inda ha-de  
Fazer um caixão enorme  
P'ra encaixar a humanidade...

A martelar e a serrar  
Todo eu me instrúo e educo...  
Tenho a febre de chegar  
A' perfeição de... maluco!...

Bem vê, estremoso amigo,  
Tenho a musa em cinza e pó...  
Mas conte sempre comigo  
E c'o serrote e a enxó...

Novembro de 1929.

*Delfim de Vimaranes.*

## Dr. Jerónimo Rocha

De Seia, onde exerce as funções de Delegado do Procurador da República, regressou a esta cidade o nosso querido amigo e prestante correligionário, sr. Dr. Jerónimo Martins da Rocha, irmão do também nosso presado amigo e correligionário, sr. Agostinho Martins da Rocha, digno Aferidor desta comarca.

Os nossos respeitosos cumprimentos.

se queixar aquêles que nos criticam.

Respeitamos as crenças de todos, mas exigimos que nos respeitem tambem as nossas.

Adoramos a Verdade, repudiámos a mentira, horrorisamos a intriga, que procuraremos sempre esmagar com a palavra, com a pena, com os punhos, com o que poder ser.

Jámais se viu ou se verá que persigamos, sem motivo, quem quer que seja; mas os maus que nos magoarem, que se acautelem, que faremos por os desmascarar.

Quem não quer ser lobo, não lhe veste a pele.

A...

Assina! "A VELHA GUARDA"

## SEM COMENTÁRIOS...

Do «Primeiro de Janeiro» de 17 do corrente transcrevemos com a devida vénia a noticia que naquêlê jornal foi publicada sôb a epígrafe « Direcção Geral dos edificios e monumentos nacionais »:

### SINDICANCIA

O sr. ministro do Comércio, em presença duma participação feita pelo director geral dos edificios e monumentos nacionais, ordenou uma sindicância ao director dos monumentos nacionais, architecto sr. Adães Bermudes.

Foi nomeado sindicante o juiz da comarca de Mogadouro, sr. dr. Manuel Guilherme de Abreu Fonseca.

## José Maria Gomes Alves

Vai melhorando dos seus encomodos o nosso amigo e correligionário, sr. José Maria Gomes Alves digno secretário da Camara Municipal.

Os nossos cumprimentos.

### CHARADAS E CONTOS

## El-rei que rabió

E' uma charada-conto de mão cheia, e que devemos tornar pública pelo que representa de moralidade, esta que nos apraz registrar nas colunas do nosso jornal:

«Certo director de obras chegava muitas vezes aos sábados sem ter dinheiro para pagar as férias aos seus operários. A' primeira vista poderia parecer que o problema era de difícil resolução e que deveria despedir os operários com promessas de pagar as férias na semana seguinte. Mas não: *el-rei rabió* e zás: pedia dinheiro emprestado, mais do que o quantitativo das férias, pagava a alguns operários, pagava-se do seu trabalho, e nunca mais pagava aquêlê a quem pedira o dinheiro».

Brinda-se quem adivinhar como tal possa sêr.

## Dr. Artur F. Couto

Com uma classificação honrosíssima, concluiu a sua formatura em Direito, na Universidade de Lisboa, o nosso particular amigo sr. Dr. Artur Francisco Couto, filho do nosso correligionário João do Couto, Salgado, digno solicitador desta comarca. As nossas felicitações.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

## COISAS E LOISAS

Se os leitores não levassem a mal que eu desse alma ao pôrco e se êste não grunhisse de indignação ao vêr o paralelo, eu diria que o comodista tem a alma do pôrco. Assim mesmo. Nada mais comodista do que o pôrco; nada mais pôrco do que o comodista. Filhos do mesmo parto, gêmeos em suas taras e tendências, o comodista e o pôrco cevam-se do mesmo módo. Rotineiros ambos e ambos tradicionalistas, vão de mãos dadas pela vida fóra, um gritando quando o querem tirar dos *costumes*, o outro grunhindo quando alguém o desvia da bolóta.

Muito sensíveis e coceguentos, ambos gostam de festinhas em seus refêgos, como ambos refilam e mordem se lhes passamos a mão ao arripio. E se os levarmos ao estalão da estupidéz, verão v. excelências que o comodista não fica a devêr nada ao outro, ao seu gémeo, ao pôrco. Há-de sêr por isso que certos comodistas gritam e barafustam contra o que aqui temos escrito a respeito de clericalismo e seus abusos e péssimas conseqüências.

Eivados das mil mentiras teológicas, herdeiros de grosseirissimos atavismos, engordados de corpo e espírito pelas mil credices e superstições de um tradicionalismo doentio, êstes pobres diabos, que andam no mundo porque Maria vai com as outras, não vêem nem querem vêr o açougue para que os levam. Sabe lá o pôrco para que o cevam!?

Inconsciêntes (e dos consciêntes falaremos depois) não distinguem entre religião e clericalismo, entre a realêza do Cristo clerical e a humildade do Cristo que prêgou o cristianismo.

Aqui não se combatem religões; aqui ataca-se sem tibiezas nem cobardias a reacção clerical, embrutecedora e ignominiosa, a mesma que há séculos acendeu as fogueiras da inquisição, a mesma que em pleno século XX quer impôr á consciência humana essa ridícula farça do Cristo-Rei. Aqui sempre se respeitaram as crenças mais ou menos

puras, mas sinceras de quem quer que seja. O que nos não merece respeito nenhum é a intolerância, o fanatismo e a réles politiquice de certos religiosos sem escrúpulos. Irra! Já que não podemos livrar o pôrco da sorte que o espera, queremos vê-lo se evitamos que o seu gêmeo, o comodista, se deixe apanhar na rede traiçoeira que para aí lhe estão armando. Para tanto, temos de lhe passar a mão ao arripio, temos de ir contra os seus costumes, a sua rotina, o seu não-te-rales. Paciência. Para grandes males, grandes remédios. Entendidos?

Um tal Malagrida, padre que perneou no fogo redentor das fogueiras do Santo Officio, profetizou que o Anti-Cristo veria a luz do Sol no ano da graça de 1920, em Roma.

Embora estas coisas de profecias me façam cócegas até á hilariedade mais desopilante o certo é que esta é de molde a deixar a gente com a pedra no sapato.

Trata-se, nada mais, nada menos, do que do inimigo de Deus e de toda a sua celestial corte; do Atila que há-de virar de pernas para o ar a Igreja com todas as suas teorias de santos e beatos. Filho de coito danado, este menino, ou fúria, ou lá o que lhe quiserem chamar, está destinado a mudar a rosa dos ventos, os pólos da terra, e creio que até a virar do avêso a infalibilidade papal.

Por aqui se aquilata dos palpos de aranha em que me vejo ao trazer este malfarrico para o mostruário do «Coisas e Loisas». E' que o caso é sério e cheira a enxofre.

O melhor é ir pelo seguro. Nemo! Avisem Nemo! Este, que sempre conseguiu estar de Bem com Deus e com o Diabo, é capaz de ter nos alforjes alguma oração de S. Cipriano que livre a cristandade do monstro flagelador. E se com orações não for, nem com figas, nem com os fulminantes anátemas em latim arcaico, vá de recorrer aos meios violentos.

Uma nova cruzada. O excomungado da «Epoca», fará de Pedro, o Eremita, e cantando o «Queremos Deus», e vitorizando o Cristo-Rei, a guerra santa abrasará Roma, a Terra, o Mundo. E depois para maior segurança, Nemo, o vingador, pôde dar-nos uma matança dos inocentes, á móda herodiana. Será uma limpeza, ao mesmo tempo que é a tranquilidade para os que tanto trabalham e sofrem pelas prosperidades da igreja. Sus! A ele Filhos de Maria!

A. X. X.

## A baixa das corôas

O povo português dá de hora a hora flagrantes provas do seu republicanismo. Disse-o bem alto o povo de Lisboa ao prestar a dolorosa homenagem de despedida ao mais amado de todos os nossos estadistas—António José de Almeida.

Saiba-o quem finge ignorar as tendências da raça. A alma está criada: é republicana, é livre.

O cancro de outrora foi operado. Essa irrisória avalanche de estatuetas, que se sucediam por direito divino, está no ocaso. A farça das corôas foi constata da pelo heroico aventureiro que se chama Napoleão. Ele jogou um miraculoso «esconde-esconde» com todos os reis da Europa.

E os miseros pactuaram aos olhos da humanidade uma traição feroz: a liberdade devia ser esmagada pelo seu orgulho avelhado.

Pobres *fantoches!* A despeito dessa orgulhosa determinação, o direito tomou fóros de força e zurziu a odiosa casta de serpentes. São já as sombras errantes dum passado vergonhoso, a esfinge duma história sangrenta. Caidos do apogeu iníquo a que os levou á estupidez dos povos, tão conscientemente trabalhada pelo clero, pariram alguns abortos a que chamam ideias—fachos de lanterna que não bastam seguir para alumiar a um santo, mesmo que ele seja D. Manuel de Bragança.

Os monárquicos de ontem foram máus; foram uns doentes de inúmeras moléstias, micróbios que gerava a podridão; foram a negação de tudo o que é puro e bom. Mas os de hoje, os monárquicos que por aí mendigam a opinião pública, são muito piores ainda. São os espinhos do século. Tão mesquinhos que não têm um idial que se imponha—vê-los-hás, caro leitor, mentir fervorosa e piamente em prol do «venha a eles».

Ousam acusar infundadamente a República de erros e roubos que só eles cometeram tantas e repetidas vêzes quando, por umas nésgas de má sina, foram permitidos no poder.

Os vendilhões de sempre conhecem o jôgo de perna. Assin, apanhada a rasteira no ar, restalhes a fuga que aproveitam batendo canelas por todos os atalhos. Fogem á justiça que os devia castigar e aguardam que a República, tão pródiga em perdões, lhes esqueça a rebelião.

Quando terminará isto? A luta está travada. Os monárquicos esfacelaram a paz que nobremente lhes ofereceu a República. Não perdoam nunca. Rancorosos e máus não depuzeram as armas após dezanove anos de tolerância.

Cruzemos ferro e reduzámo-los á insignificância, á inutilidade, visto que a liberdade lhes não cabe no cérebro enfezado.

As velhas teorias foram batidas. A liberdade triunfa em todos os pontos do glôbo. Já não há que sonhar.

O povo ama-a logo que a conhece e morre por ela logo que a ama. O gavião rial era afinal um mito sem significado próprio. Morreu após tanto existir—este que revela a fraca textura das suas azas ídiais.

Pobres *fantoches!* Muito embora, procuram adaptar-se á civilização do século, a esta época de duras rialidades.

Doen-se disso a humanidade e vai providenciar. Dar-lhes-há umas férias perpétuas e, á falta

## NOTICIÁRIO

Já recolheu a casa, após ter sofrido uma operação no Hospital da V. O. T. de S. Domingos, o nosso amigo e presado correligionário, sr. Francisco Pereira da Silva Quintas, conceituado negociante desta praça. Rápido restabelecimento, são os nossos votos.

—Regressou de Espinho, onde se encontrava com sua Ex.<sup>ma</sup> Família, o nosso querido amigo e dedicado correligionário, sr. Dr. Alfredo Pinto, abalisado clínico da vila de Vizela. Os nossos cumprimentos.

—Na cidade do Porto, sofreu melindrosa operação a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Alfreda Campos, dedicada esposa do nosso presado amigo, sr. Heitor da Silva Campos, digno Agente do Banco de Portugal, nesta cidade. Pronto restabelecimento, é o que lhe desejamos.

—Encontra-se de luto pelo falecimento de seu irmão, o velho republicano e importante industrial sr. José Jacinto Júnior. As nossas condolencias as mais sentidas.

—Tivemos o prazer de abraçar o nosso querido amigo, sr. Alberto Maria Leite, que nesta cidade esteve de visita a seu irmão e dedicado correligionário nosso, sr. Mário Pinto Leite.

—A assistir ao aniversário natalício do seu muito querido amigo, sr. Egídio dos Santos, considerado procurador da comarca do Porto, foi áquela cidade o nosso presado correligionário sr. José Fernandes Guimarães, acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa e Filha.

### Sociedade

#### Protectora dos Animais

Reuniu no passado dia 14 do corrente a Direcção desta colectividade e resolveu, entre outros assuntos de interesse desta Sociedade, que esta Direcção se avistasse com as autoridades locais no sentido de serem cumpridas as disposições em vigor que coíbem os máus tractos aos animais e muito especialmente as relativas á maneira como são conduzidas e expostas á venda as aves na praça do mercado.

### AGRADECIMENTO

O abaixo assinado, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todos os amigos que o distinguiram com a sua visita, aquando do desastre que o forçou a estar detido durante alguns dias, vem por este meio prestar-lhes o seu profundo reconhecimento, cumprindo assim um alto dever da sua gratidão.

Manuel Simões Sobral.

dum monumento comemorativo, põe-lhes um epitáfio.

Pobres *fantoches!*... Eram feios como homens moral e fisicamente. Eram feios como homens! Mas é possível que entre os macacos gósassem de certos mimos. Há destas singularidades no mundo.

Faziam um reino nas regiões das florestas e dos pomares. Comiam bananas e outros productos vegetarianos.

De tarde dançavam um batuque e entoavam a «carta».

E os consócios—com os seus guinchos característicos—faziam córo. Tinha muita piada. Porque eles nunca passaram duma macacada.

Xyz.

## INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO

### A salvação nacional pela acção escolar

#### VII

Enquanto o princípio da soberania popular não passou do doutrinarmos de Grócio e das aspirações generosas do nosso intemerato Febo Moniz, bem como não despertou o interesse intenso, quando a revolução o acalentou e a encheu, esse princípio jámais preocupou o mundo.

Assim também o conceito colectivista, ante visto já pelo primeiro quarto de século por Silvestre Pinheiro Ferreira, antes de corresponder ao estado social da luta em que foi proclamado aos trabalhadores, não logrou a simpatia dos povos.

Vem tudo a seu tempo. E fóra do bom caminho andarão todos os estadistas que se não integrem na noção de que o mundo moderno só manterá um conveniente equilibrio, se os legistas não barrarem a vida espontânea dos povos.

O professor primário é o evangelizador, o educador.

E de máu aviso andam os que não derem tento dos elementos que vão interessar as multidões na vida do moderno industrialismo.

O nosso trabalho tem principalmente em vista estampar o existente e alguma coisa indicar para o futuro, e por isso muito nos preocupa o problema económico intimamente ligado a um sistema de educação, como hoje se impõe ao espirito moderno, tão incerto nos processos e hesitante na procura dos seus destinos.

Sobre nós, professores primários impende a pesadíssima tarefa. E bem apelo dirigir aos meus colegas que vão perpetuando uma tradição já de há muito honrosa de competentes em meio de tanta carência de mobiliário e material didático, de zelosos no meio de tanta miséria, como o proclamou o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Costa Ferreira na sua despedida de ministro da instrução, palavras de saudação: e aos que dão justificado motivo a reparos quer na sua conduta profissional, quer na moral, um apelo para que destruam a golpes de trabalho e de austeridade a campanha que ateiam contra todos nós.

São poucos? Tanto melhor.

Mas esses mesmos que não constituam voluntariamente pedregulho com que nos atirem.

Justiça tem de nos ser feita; e, quando ela vier, que todos sejam dignos dela.

Ao problema financeiro foi possível em bem pouco tempo a solução.

Resta assegurar-lhe o êxito, pois que «os germe-

## NOTICIAS ESCOLARES

O Snr. Director da Escola Central Masculina desta cidade já propoz o desdobramento da 1.<sup>a</sup> classe, cujos professores estavam sobrecarregados com mais de 50 alunos cada.

Parece-nos que foi necessário preveni-lo de que a Região Escolar já estranhava que a proposta não tivesse sido apresentada.

E como se explicará que não fôsse proposto igualmente o desdobramento da 2.<sup>a</sup> classe que presentemente tem 100 alunos—numeros redondos—e dois professores?

E' ocioso repetir-se que o ensino nas primeiras classes tem de ser o mais directo possível; e por isso talqualmente como na 1.<sup>a</sup> classe bastantes alunos perderão o ano, pois que é humanamente impossível a um professor sustentar o grau de adiantamento em 50 alunos.

Informam-nos que o Snr. Director receia que a frequência diminua se se anteciparem as horas de entrada da parte da manhã e se estabelecer o ensino da tarde.

Não creia nisso, Sr. Director. Hoje a escola é procurada a qualquer hora.

O Centro Republicano abriu uma escola que funciona a horas muito diferentes das escolas officiais.

Pois isso não obsteu a que logo nos primeiros dias da abertura da inscrição se enchesse.

A questão é mais de cursos que de horas; e entre dois males opte-se sempre pelo menor.

Por este sistema de contagotas jámais a escola terá o pessoal docente em equação com a população já matriculada e a matricular-se ainda.

Que a 3.<sup>a</sup> classe não desdobre, por não dar ainda número legal para dois professores, compreende-se.

Consulte Lisboa, Porto e outras cidades e verificará que com os cursos duplos se tem obtemperado com todo o proveito á deficiência de edificios, mobiliário e material escolares.

nes do seu próximo futuro reentortamento» ficaram são e escoreitos, como muito acertadamente disse o senhor Agostinho de Campos em artigo de iundo de «O Comércio do Porto» de 17 do corrente.

E, pedindo vénia, transcrevemos mais do mesmo artigo pelo seu propósito:

«Enquanto um só ministro das finanças segue, sempre igual e fiel a si mesmo, um plano traçado para equilibrar o orçamento e rehabilitar o crédito público, não se traçou nenhum plano para se transformar em viveiros de trabalhadores da nação as fábricas de parasitas do Estado; e seis, oito, dez ministros da instrução succedem-se uns aos outros, sem leme e sem rumo, diferentes, dispares e disparatados em tudo menos em dois pontos constantes: na invariável convicção que cada um aplica a revogar o que fez o anterior; e na modestia com que todos se resignam a ser arrastados pela traquitana desengonçadissima de que se intitulam ou se julgam condutores».

Prof. J. F. B.

20/11/929.

Continúa.